

RELIGIÃO E COLONIZAÇÃO: Uma Abordagem Histórica

Frank Antonio Mezzomo*

RESUMO: Analisar a participação do elemento religioso na divulgação e construção de um imaginário edênico das terras do oeste do Paraná em comunidades itálica e teutas dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, é o objetivo deste artigo que utiliza fontes primárias como propagandas de terras, entrevistas orais e livros que compõem o acervo historiográfico da região oeste do Paraná.

PALAVRAS-CHAVE: Colonização, Imaginário social, Discurso.

COLONIZATION: A Historic Approach of Religion.

ABSTRACT: To analyze the participation of element religious in divulgation and built of an imaginary edenic of lands of east of Parana in Italian and German community of States of Rio Grande do Sul and Santa Catarina, is the objective this articles that use primary origin as advertising of lands, oral and free interview that compose the historiographical patrimony of east region of Parana.

KEY WORDS: Colonization, Social imaginary, Discourse.

1. Introdução

O grande fluxo imigratório ocorrido no oeste do Paraná a partir das décadas de 1940 e 1950, contou com a observação de um plano de colonização programando a vinda do migrante e disponibilizando uma infra-estrutura básica para o desenvolvimento sócio-econômico da região¹. Dentre os recursos utilizados como atrativos na divulgação das terras do oeste, sobressai a recorrência ao elemento religioso como participante da construção de um imaginário onde a região passa a

* O autor é mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC e professor no Centro de Ensino Superior de Realeza/CESREAL. Reflexões acerca dessa temática estão desenvolvidas no livro MEZZOMO, Frank Antonio. **Religião, nomos e eu-topia: práxis do catolicismo no oeste do Paraná**. Cascavel: Edunioeste, 2002. Endereço do autor: Rodovia PR 281, Km 02, Caixa Postal 11, Realeza, Pr. CEP 85 770-000.

¹ A empresa colonizadora que se está referindo é Industrial Madeireira e Colonizadora Rio Paraná S. A., também conhecida pela sigla Maripá. A referida empresa programou a colonização de sua gleba com mais de 274.752,84 hectares paulistas observando: tipo de propriedade, policultura, escoamento da produção, industrialização e o tão esmerado elemento humano que era “*Esse agricultor, descendente de italianos e alemães, com mais de cem anos de aclimatação no país, conhecedor das nossas matas, dos nossos produtos agrícolas e pastoris, primando pela sua operosidade e pelo seu amor à terra em que trabalha, seria portanto, o elemento humano predestinado à realizar grande parte desta tarefa*”. NIEDERUER, Ondy Hélio. **Plano de Colonização da Industrial Madeireira e Colonizadora Rio Paraná S. A.** Toledo, junho de 1955, p. 4.

ser identificada como a Terra Prometida ou a Canaã brasileira, numa referência a Canaã Judaica do profeta Moisés.

A fim de perceber o significado e alcance desses discursos, é necessário identificar alguns elementos constitutivos que envolvem o ato discursivo. A legitimidade de um discurso não se explica *per se*, ou seja, o poder não está nas palavras. Sejam elas líricas, rústicas ou simples, a força de efeito ou persuasão está condicionada ao capital simbólico que elas representam. Já dizia Bourdieu, nesse aspecto concordando com Austin, que

...as enunciações servem tanto para 'descrever um estado de coisas ou afirmar um fato qualquer' como também para 'executar uma ação' porque o poder das palavras reside no fato de não serem pronunciadas a título pessoal por alguém que é tão-somente 'portador' delas. O porta-voz autorizado consegue agir com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador.²

O discurso deve repousar numa comunidade de sentidos partilhados e vivenciados pela comunidade pois do contrário, sua eficácia seria nula. Portanto, mais que *"...transmissão de informação mas como efeito de sentidos entre os interlocutores, enquanto parte do funcionamento social geral"* onde estão envolvidos *"...os interlocutores, a situação, o contexto histórico-social"*³, o discurso é uma prática social que socialmente deve ser localizada e interpretada.

Esta opção teórica permite desnudar algumas questões sobre o por quê e a eficácia dos discursos, ao anunciarem aos migrantes do sul do Brasil, uma constante recorrência ao elemento religioso como "avalista" do empreendimento. Parece ser o recurso tão substancial ao migrante quanto outras garantias como oferecimento de uma infra-estrutura. Tal conclusão é permitida na medida que se percebe a participação da religião nas comunidades italianas e alemãs do noroeste do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Ou seja, é a comunidade de sentidos vivenciados e partilhados pelos migrantes que as propagandas de terras e os discursos dos agentes do sagrado assinalam.

Parece ser indispensável, ao pesquisar a construção social da realidade no oeste do Paraná, lançar um olhar sobre elementos que pré-existem a este empreendimento, como é o caso dos valores sócio-culturais presentes nessas comunidades de origem. Estaria fazendo um juízo ligeiro ao afirmar ser a realidade

² BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 89.

³ ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 19.

social gestada no oeste do Paraná fruto da interação imediata do homem com o meio. Não se está negando tal assertiva, entretanto não se pode considerar o homem como uma “tábula rasa”.

A noção de estrutura de plausibilidade⁴ permite operacionalizar esta relação dialética, onde o homem cria um mundo mas também é criado por ele na medida que a cultura objetivada recebe um *status* de um mundo concreto portanto, externo ao homem. A estrutura de plausibilidade oferece assim a ‘base social’ a partir da qual o homem constrói uma nova realidade ao mesmo tempo que constrói a si próprio, assim, ele “...*produz um mundo como também se produz a si mesmo*”⁵. Esta base entretanto, não implica uma estrutura sociologicamente determinista, pois a relação dialética é permanente.

Conforme a historiografia⁶ ao abordar a questão da religiosidade nas comunidades teuta-ítala, destaca a presença fundamental da religião como elemento de identificação e coesão social. No caso dos ítalos, não havia sentimento de pátria, nem mesmo a língua os unia enquanto povo, uma vez que cada grupo falava seu dialeto ignorando a língua oficial da pátria. O isolamento geográfico, o baixo número de escolas, enfim, a ausência de instituições que integrassem a comunidade, possibilitou a institucionalização da capela como espaço e meio, onde a comunidade cresce e “...*informa-se mutuamente sobre o plantio, construções a fazer; combinam a troca de dias de trabalho*”⁷, estruturam a vida comunitária a partir da capela de forma que “...*este novo mundo girava em redor da religião, dando a impressão de que não havia outra forma de vida social*”⁸ fora desta realidade socialmente construída. Dessa forma

A religião atuou como elo de união entre eles: a quase totalidade confessava-se católica, e a fé católica forneceu-lhes os subsídios indispensáveis para reiniciar, individual e coletivamente a existência. A expressão religiosa, em suas manifestações cotidianas e festivas, era o sinal mais significativo do universo cultural dos migrantes italianos. Era a referência primeira e indispensável de filiação ao grupo (...) Foi através da religião católica que

⁴ BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 58 ss.

⁵ Idem, *ibidem*, p. 19.

⁶ Está aqui se referindo obviamente a uma historiografia que faz menção a presença da religião nas comunidades ítalas e teutas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, como por exemplo: DALCANAL, José H e GONZAGA, Sergius (org.). *Rio Grande do Sul: migração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980; DE BONI, Luís Alberto e COSTA, Rovílio. *Os italianos no Rio Grande do Sul*. 3ª ed., Porto Alegre: Correo Riograndense, 1984; MANFROI, Olivio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Grafosul, 1975; SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

⁷ MANFROI, Olivio. *A colonização italiana...*, op. cit., p. 158

⁸ DE BONI, Luís A e COSTA, Rovílio. *Os italianos...*, op. cit., p. 125.

*o imigrante italiano se encontrou consigo mesmo e com os outros*⁹.

Tendo presente este universo de significações, pode-se entender o que acima apontei como a significação do discurso que propagandeava as terras do oeste fazendo alusão a presença do elemento religioso. À capela e à paróquia, deve ser acrescentada a presença do padre cuja significação denotava benção e progresso para a localidade. A instrução cultural e a intermediação com os poderes sobrenaturais dotavam a vida do padre de uma auréola santificadora, “*Todos queriam ter um padre residente, padre stabile*”, pois ele era um

*...líder inconcusso, não somente no campo espiritual, mas também no campo material. Ele faz municípios, constrói ginásios, hospitais, funda cooperativas, manda na prefeitura, na polícia, na delegacia (...) Ele é o conselheiro dos colonos em todas as coisas mesmo nos problemas econômicos; quando alguém fica doente, antes de chamar um médico, ouve primeiro o sacerdote. (...) Ter um sacerdote significava progresso, não somente por ter estudo superior, mas por representar Deus*¹⁰.

Estas notas apontam para uma realidade social onde a religião tem proeminência, fato igualmente central na colonização empreendida pela empresa Maripá uma vez, que o elemento humano desejado é o migrante ítalo e teuto. À migração maciça destas duas etnias, soma-se o grande contingente de católicos e protestantes como mostra a Tabela 1, resultado de uma pesquisa realizada no ano de 1956.

Tabela 1 – NÚMERO DE FIÉIS EM TOLEDO - 1956

Religião	Número de Fiéis	Porcentagem Geral
CATÓLICOS	5.840	59%
PROTESTANTES:		
Luteranos	3.705	37%
Batistas	260	3%
Metodistas	5	*
Seitas (sic) não especificadas	115	1%
Espiritualistas	5	*
Não sabem	15	*
TOTAL	9.945	100%

Fonte: Oberg: p. 106, (*) menos de 0.5 por cento

⁹ DE BONI, Luis Alberto. O Catolicismo da Migração: Do triunfo à crise. In: DALCANAL, José H e GONZAGA, Sergius (org.). **Rio Grande do Sul: migração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 235.

¹⁰ OBERG, Kalervo e JABINE, Thomas. **Toledo: Um Município da Fronteira Oeste do Paraná**. Rio de Janeiro: SSR, 1960, p. 106.

A presença portanto do elemento religioso na divulgação das terras é estratégico pois tem um público alvo determinado e por isso da eficácia de seus discursos. Sobre esta peculiaridade é ilustrativo a colonização da região de Palotina¹¹ quando a Congregação do Padres Palotinos recebem da empresa colonizadora Pinho e Terras uma área de terras na condição de divulgar e incentivar a migração de colonos do Estado do Rio Grande do Sul. Aceitando a proposta, logo tomaram decisões concretas para divulgar e organizar as primeiras caravanas às terras da empresa no oeste do Paraná. Afim de agilizar os trabalhos de divulgação, diz padre Hermogêneo Borin,

Logo mandei imprimir cinco mil folhetos de propaganda, convidei o Pe. Rafael Pivetta, conhecido missionário, para que me ajudasse nessa iniciativa. E assim foi que, depois de diversas explicações ao povo, no dia 2 de janeiro, conseguimos formar a primeira caravana de Colonos, que partindo em ônibus de Santa Maria (RS), demandasse ao Paraná¹².

Além dos esclarecimentos da área a ser adquirida, das formas de pagamento, da legalidade dos títulos de propriedade¹³ e de ter o padre Borin arcado com as despesas da viagem, não se deixou de lançar mão de comparações “fantasiosas” para convencer o agricultor de que as terras que estavam adquirindo eram as melhores do mundo. Assim, os agricultores persuadidos de que o “...padre não pode mentir”¹⁴, liam atentamente a propaganda que dizia:

Lá no Paraná (atual Palotina) o fumo dá folhas do tamanho da folha de bananeiras criadas; um camarada perseguido pela onça pode defender-se trepando nas ramas de mandioqueira; para abraçar um tronco de certas árvores, precisam-se de cinco homens¹⁵.

Parecia estar claro que a viagem para o oeste do Paraná era uma aventura desmedida, deixar os seus, migrar para uma região desconhecida, escassez de

¹¹ A colonização empreendida na região de Palotina pertencia à empresa Pinho e Terras, mantendo, no entanto, um projeto muito semelhante ao da Maripá mesmo porque os maiores acionistas daquela empresa, como os irmãos Dalcanale e Alfredo Ruaro, também o eram desta.

¹² REGINATO, Pedro. *História de Palotina: 1954 – 1979*. Santa Maria: Arte final e impressão, 1979, p. 62.

¹³ Convém registrar que as terras da região de Palotina apresentaram sérios problemas de titulação tendo uma mesma gleba de terra, títulos de propriedade expedido pela União, pelo Governo Estadual e pelas empresas colonizadoras. Muitos agricultores tiveram que pagar suas colônias duas vezes para legalizar sua situação. Cf. WACHOWICZ, Ruy Christovam. *Obrageros, mensus e colonos: história do oeste paranaense*. 2ª ed., Curitiba: Vicentina, 1987, p. 180 ss.

¹⁴ REGINATO, Pedro. *História de Palotina...*, op. cit., p. 109.

¹⁵ Idem, ibidem., p. 109.

alimentos, enfim, deixar um espaço que lhe pertencia culturalmente e adquirir um pedaço de chão numa região pintada com as mais lindas cores, porém estranha.

Mas tudo era passível de mudança. As dificuldades encobertas pela produção de um imaginário coletivo de que a Terra Prometida existia e o progresso familiar para quem quisesse vencer na vida se encontrava naquela região. Este ambiente é produzido pela propaganda, que não deixa de lançar mão do imaginário religioso, da moral do bom cidadão e dos valores familiares, que, paulatinamente vai construindo a Canaã oestina.

O efeito da divulgação da propaganda, transparece na fala de João Eugênio Kasparly morador de Novo Sarandi que na época, residia em Santa Rosa, Rio Grande do Sul:

Quando entrei, vi um moço, bem vestido, de chapéu branco, rodeado de curiosos, motoristas na sua maioria, escutando a conversa do rapaz. E o homem falava... Falava mais que o homem da cobra(...). Percebi que ele falava da região do Estado do Paraná, mais precisamente de Toledo, e só contava vantagens e maravilhas: que o futuro estava lá, que o pessoal de Santa Rosa estaria perdendo seu tempo, que se alguém chegasse a ter a oportunidade de conhecer Toledo, dificilmente deixaria de mudar-se para lá¹⁶.

Habitar nos estados sulinos passa a ser sinal de atraso e perda de tempo, porque lá existem morros, pedras, formigas, enquanto o oeste paranaense é rico em águas, clima saudável, terra fértil e de fácil escoamento da produção. A produção do imaginário ocorre duplamente. Primeiro pela negação, ou seja, apontando as dificuldades e precariedades existentes no sul. Segundo, pela superioridade natural ou ambiental das novas terras, fertilidade dos solos, regularidade climática ou mesmo pelos recursos hídricos.

“Porque devo comprar terra em Toledo”? Assim intitulava uma das propagandas de terras e em seguida, enumerava as múltiplas vantagens como:

O maior desejo de cada Agricultor é que seu filho deve ter uma vida melhor (...). Por isso devem procurar comprar terras de cultura livres de morros, pedras, formigas e rica em águas, clima saudável, terra fértil e de fácil escoamento dos produtos. Todos esses desejos, o senhor encontra reunidos em Toledo (...)

Porque TOLEDO hoje têm: Paróquia, Colégio de Freiras com 290 alunos, médico, hospital, farmácia, grandes casas comerciais, hotéis, luz e força

¹⁶ KASPARY, João Eugênio. Relato. In: **Com licença somos distritos de Toledo**. Prefeitura de Toledo, 1987, p. 26.

elétrica, carpintaria e marcenaria, matadouro, uma grande olaria, frigorífico, padaria, sapataria, diversos bares, e churrascaria, uma grande oficina mecânica, a serviço de qualquer espécie de veículo, moinhos para trigo e milho, serrarias para pinho e madeiras de lei, firma organizada para um grande moinho a cilindro para trigo (...)

*A exportação de todos os produtos coloniais são feitos diretamente para a praça de S. Paulo, grande consumidor com fretes convenientes revertendo em benefício exclusivamente dos agricultores (...)*¹⁷

A produção desse imaginário coletivo veiculado pela propaganda escrita e falada, vai construindo uma imagem de que o oeste do Paraná é uma região que está em desenvolvimento e oferece todos os recursos àqueles que desejam angariar um patrimônio para si e para seus filhos. Esta imagem não só permite como sugere a migrante a ver o oeste como a Terra Prometida, terra onde “*corre leite e mel*” em cuja região os sonhos podem se tornar realidade negando por sua vez o sul do Brasil como possibilidade de desenvolvimento.

Não se aponta porém somente as vantagens naturais desta região. Lança-se mão de valores outros vividos ou cultivados pelo possível comprador de terras, assim, falando a uma família cujos costumes e crenças são regradas pela religião, o convencimento se dá apresentando, criando e mantendo um imaginário onde a religião daria o apoio espiritual como se estivesse abençoando e protegendo o novo empreendimento, era “*...a presença de alguém que pudesse abençoar aquele começo, dando-nos a certeza de que começávamos pelo caminho certo*”¹⁸ confirma o migrante. O desenvolvimento parece inevitável, acenando para valores “óbvios”.

Apresenta-se portanto uma região onde existe, referida acima na propaganda, uma paróquia, assistência religiosa e conta com o auxílio das irmãs¹⁹ que além do trabalho pastoral, dedicam-se com a educação dos filhos do migrante. Nesse sentido, a participação religiosa na divulgação das terras parece decisiva, tendo seu envolvimento explícito ou tácito como é o caso da participação do padre Antonio Patuy, primeiro pároco de Toledo, ao propagandear as terras junto à empresa Maripá enobrecendo o elemento teuto-italo como etnia predestinada e dispondo de sua imagem para divulgar as terras da empresa,

O colono que veio do Rio Grande, era um colono formado, um colono que sabia trabalhar a terra, plantar e colher os frutos, progredir. Sabia formar

¹⁷ PROPAGANDA DE TERRAS, 1949. Museu histórico Willy Barth. Toledo.

¹⁸ Apud. DEITOS, Nilceu Jacob. **Representações Pentecostais no Oeste Paranaense (A Congregação Cristã do Brasil em Cascavel /1970-1995)**. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

¹⁹ Ao assinalar para a presença das irmãs, a propaganda está fazendo menção ao primeiro colégio de ensino da região oeste vindo a Toledo em fevereiro de 1948 pela iniciativa do padre Antonio Patuy e auxílio financeiro da empresa Maripá.

um lar, uma cidade, interessava-se para formar uma comunidade. Queria ter escola, queria direção espiritual. Tanto é verdade, que se serviram de minha presença e mandaram vir mais colonos de lá, porque havia assistência²⁰.

O imaginário produzido pelas propagandas, parece ter aceitação da parte dos agricultores, como atesta a experiência de Amadeu Piovesam ao ouvir os comentários do padre Borin sobre o “novo mundo”,

No dia 23-12-53, o Pe. Borin, na igreja de Nova Palma, fez um convite a quem quisesse adquirir terra no Paraná, que se reunisse no salão paroquial após a missa, para que ele fizesse uma exposição do novo mundo. Reuniram-se mais de cem (100) pessoas e ele, estendendo alguns mapas do Brasil e da região, indicou onde se situavam as terras...(Após a viagem na primeira missa) Na homília, feita pelo Pe. Rafael Pivetta, trouxe a comparação da viagem dos santos Reis com a nossa viagem em direção ao desconhecido, buscando acontecimentos de esperanças, para nossos filhos²¹.

No imaginário do migrante fica registrado que sua luta, conforme sugere a homília do padre, é comparada a uma missão religiosa de encontro com o sagrado. Se os santos Reis caminham para ofertar incenso, mira e ouro ao menino Jesus recém nascido, o migrante marcha para oferecer um futuro promissor à família, por isso do apelo

“AGRICULTOR!!! ‘TOLEDO’ te chama. ESCUTA ESTA VOZ. Ponha fim nos teus sofrimentos de trabalho no meio das pedras e montanhas, a onde tens que carregar os generos da tua colheita uma bôa parte nos ombros. EM TOLEDO NÃO SERÁ ASSIM”²².

Ao identificar portanto não somente o conteúdo do discurso mas os interlocutores envolvidos nessa ação comunicativa, pode-se fazer uma avaliação da eficácia discursiva, força persuasiva que pode mudar as opiniões e alterar opções de investimentos, como lembra a fala de Elizabeth Fuerstein, ao ouvir o conselho, em 1947, do prelado Dom Manuel Konner de Laranjeiras do Sul, a sugestão de que seu esposo não comprasse um caminhão para transportar madeiras de Cascavel a Foz do Iguaçu, mas que “...fossem um pouco para o lado onde abriu uma firma e lá já tem padre e já pediu irmãs, logo elas vêm. Então nós viemos para cá”²³.

Os discursos apresentados nas propagandas onde está presente o elemento

²⁰ WACHOWICZ, Ruy C. *Obrageros...*, op. cit., p. 178.

²¹ REGINATO, Pedro. *História de Palotina...*, op. cit., p. 107 e 108.

²² PROPAGANDA DE TERRAS, 1952. Museu histórico Willy Barth. Toledo.

²³ A firma referida é a empresa Maripá. Cf. FUERSTEIN, Elizabeth. *Entrevista*. Toledo, 4 de fevereiro de 1999. (A/A).

religioso, o desenvolvimento surge como inevitável e o progresso mostra-se como o destino desta cidade. Nada há de impedir que o destino sulque seus flancos na história deste povo. A fala de Oscar Silva deixa transparecer esta conclusão ao apontar:

...fim de ano vê-se em cartões: 'Toledo não pode parar' ou 'Eu acredito em Toledo'. Esses slogans vazios, supérfluos, porque o nosso progresso é consequência lógica do determinismo histórico de uma cidade incrustada na canaã brasileira, que é o Oeste paranaense. Ninguém deterá a marcha de Toledo...²⁴.

A colonização programada, como expressavam os diretores da Maripá, não daria margem ao insucesso. A superioridade étnica faria de Toledo uma cidade progresso, pois aqui formar-se-ia, conforme Willy Barth,

...um grande caldeirão e dentro estão gaúchos, catarinenses vindos dos sul...Mas eles não se chocam, se cruzam. Eu garanto a vocês que tal caldeirão produzirá uma raça final muito forte, inteligente, trabalhadora e as mulheres serão mais bonitas do mundo²⁵.

Nesse discurso as diferenças são supridas, a previsão histórica encobre as dificuldades sentidas e sofridas pela humanidade, criando a imagem de uma sociedade outra situada num futuro próximo, que porém, está sendo gestada desde já na contingência desta realidade. O discurso vai ao encontro da “utopização” da História-Progresso, conforme afirma Baczko:

É então que o sol iluminará na terra unicamente homens livres que não conhecem outro senhor que não seja a sua própria razão; a desigualdade entre os povos desapareceu e todos em conjunto, sem guerras nem conflitos gozarão dos benefícios da civilização; o aperfeiçoamento moral do homem e a racionalização das instituições terão por resultado a eliminação dos preconceitos, o aumento da felicidade tanto individual como coletiva, a supressão dos conflitos entre o indivíduo e a sociedade, etc.²⁶

O mito da História-Progresso é criado numa visão utópica da realidade. O

²⁴ SILVA, Oscar. Mais trabalho, menos demagogia. In: *Jornal A Voz do Oeste*, Toledo, 14 de dezembro de 1968, p. 8.

²⁵ NIEDERAUER, Ondy Hélio. *Toledo no Paraná, a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso*. Toledo: Grafo-set, 1992, p. 132.

²⁶ BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social. Enciclopédia Einaudi, tomo 5 - Anthropos-homem*. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986, p. 373.

termo utopia²⁷ focado por Baczko, remete a noção de *eu-topos*, ou seja, a região da felicidade e da perfeição a se realizar na História. Felicidade e perfeição, aqui entendidas, como realização de um sistema social, jurídico, político e espiritual em que os homens habitariam numa sociedade perfeita. Utopia portanto, não como uma ilha imaginária distante, nem como uma região inexistente. Este paraíso, não é imaginado como situado num além puramente espiritual, além sim, porque é o advento da Cidade Nova, cuja marcha da evolução histórica é inevitável²⁸. Puramente espiritual não, porque depende da ação do homem, neste caso, do homem dedicado com o fazer, com o desenvolvimento sócio-econômico da região, por isso da aversão àqueles que não se dedicam ao trabalho do campo.

Nesse sentido o conceito utopia deixa de oferecer idéias-imagens deslocadas do processo histórico lançado no além abstrato. O conceito passa a assumir uma configuração histórica, ou seja, verifica-se a historicização da utopia. A utopia vê-se então transformada em u-cronia, “...o algures social, a sociedade outra, deixa de estar situada num espaço, para se situar doravante num tempo imaginário”²⁹.

O pensamento histórico e o pensamento utópico, podem num primeiro momento, parecerem excludentes. Porém, estes dois movimentos do pensamento estão interpenetrados e formam uma mesma realidade. O pensamento utópico funde-se ao pensamento histórico.

A utopia desde o início do século XIX transformou-se em um conceito de luta política usado por todos contra todos. Mas, é no início deste século que seu conceito é interpretado como uma forma de possibilidade e não somente como um sonho. Como diz Habermas,

*...em nosso século Ernst Bloch e Karl Mannheim purificaram o termo 'utopia' do ressaibo do utopismo e o reabilitaram como **medium** insuspeito para o projeto de possibilidades alternativas de vida, que devem estar potencializadas na própria consciência da história politicamente eficaz*³⁰.

Enquanto as energias utópicas aparentam ter se esgotado neste século em função da corrida armamentista, da difusão incontrolada de armas nucleares, do empobrecimento estrutural dos países em desenvolvimento, do desemprego crescente e desequilíbrios sociais dos países emergentes³¹, o oeste do Paraná, especificamente

²⁷ O que se passa com o vocábulo-chave Utopia no texto de Baczko, é uma circularidade conceitual entre *U-topia*, terra de nenhures, *Eu-topia*, o melhor país e, a confluência de ambas num mesmo conceito. Cf. BACZKO. Bronislaw. *Utopia...*, op. cit., p. 343.

²⁸ Idem, *ibidem*.

²⁹ Idem, *ibidem*.

HABERMAS, Juerguen. A nova intransparência: A crise do estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas. In: *Novos Estudos*, n.º 18, setembro, 1987, p. 104.

³⁰ Idem, *ibidem*.

³¹ Idem, *ibidem*.

Toledo, parece firmar o paradoxo da exuberância do pensamento utópico a exemplo das utopias clássicas do século XIX, onde “...as condições para uma vida digna do homem, para a felicidade socialmente organizada; as utopias sociais fundidas ao pensamento histórico despertam expectativas mais realistas”³² e podem se tornar realidade na gestação desta nova sociedade.

Temos portanto, desenhada discursivamente uma região em franco desenvolvimento. O sujeito interlocutor, via de regra católico ou protestante, tem diante de si o deslumbrar de uma região pintada com as cores da promessa, onde a religião endossou através de suas práticas e representações a migração para o oeste do Paraná.

Referência Bibliográfica

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação Social**. Enciclopédia Einaudi, tomo 5 - Anthropos-homem. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: Edusp, 1996.

DALCANAL, José H e GONZAGA, Sergius (org.). **Rio Grande do Sul: migração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

DE BONI, Luís Alberto e COSTA, Rovílio. **Os italianos no Rio Grande do Sul**. 3ª ed., Porto Alegre: Correio Riograndense, 1984.

DEITOS, Nilceu Jacob. **Representações Pentecostais no Oeste Paranaense (A Congregação Cristã do Brasil em Cascavel /1970-1995)**. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

HABERMAS, Juerguen. **A nova intransparência: A crise do estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas**. In: Novos Estudos, n.º 18, setembro, 1987.

MANFROI, Olivio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. Porto Alegre: Grafosul, 1975.

MEZZOMO, Frank Antonio. **Religião, nomos e eu-topia: práxis do catolicismo no oeste do Paraná**. Cascavel: Edunioeste, 2002.

NIEDERAUER, Ondy Hélio. **Toledo no Paraná, a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso**. Toledo: Grafo-set, 1992.

³² Idem, *ibidem*, p. 105.

_____. **Plano de Colonização da Industrial Madeireira e Colonizadora Rio Paraná S. A.** Toledo, junho de 1955.

OBERG, Kalervo e JABINE, Thomas. **Toledo: Um Município da Fronteira Oeste do Paraná.** Rio de Janeiro: SSR, 1960.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

REGINATO, Pedro. **História de Palotina: 1954 – 1979.** Santa Maria: Arte final e impressão, 1979.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica.** Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Obrageros, mensus e colonos: história do oeste paranaense.** 2ª ed., Curitiba: Vicentina, 1987.

Data do Recebimento: 03/12/2002.

Data do Aceite: 10/06/2003.